

ASPECTOS DA LITERATURA MARGINAL NO CONTO O GRANDE ASSALTO, DE FERRÉZ

MARGINAL ASPECTS OF LITERATURE IN THE SHORT STORY THE GREAT ASSAULT, BY FERRÉZ

DOI: 10.19177/memorare.v7e12020183-196

Carla Cristina Zurutuza¹
Altamir Botoso²

Resumo: Neste artigo, objetivamos focar elementos que caracterizam a *Literatura Marginal* produzida pelo escritor Ferréz, ou seja, aspectos como a violência, a solidão, a miséria, a desumanização, que se destacam na literatura oriunda de um escritor periférico que é considerada Literatura das margens, a qual vem se tornando uma manifestação cultural em crescente desenvolvimento e propagação no quadro de nosso sistema literário. Tomamos, como *corpus* de análise, o conto “O grande assalto” (2006), do escritor Ferréz. Pautar-nos-emos pelos estudos de Souza (2010); Vogler (2013); Candido (2006); e Nascimento (2006), buscando evidenciar os novos meios produtivos e a violência urbana que são representados no enredo do referido conto, uma vez que Ferréz procura divulgar ou denunciar a realidade das periferias urbanas em suas produções literárias. Portanto, o conto de Ferréz é relevante e se destaca na literatura brasileira, pois promove o âmbito social da periferia inserindo-o nas diversas e variadas situações vivenciadas pelas personagens e tais situações nos levam a refletir sobre o modo como a literatura tangencia a relação do homem com o mundo.

Palavras-chave: Literatura Marginal. Ferréz. Conto. O grande assalto. Literatura brasileira.

Abstract: In this article, we aim to focus on elements that characterize the Marginal Literature produced by the writer Ferréz, that is, aspects such as violence, loneliness, misery, dehumanization, which stand out in the literature coming from a peripheral writer who is considered Literature of the margins, which has become a cultural manifestation in increasing development and spread within the framework of our literary system. We take, as *corpus* of research, the story “The great assault” (2006), by Ferréz. We will use as theoretical support the studies by Souza (2010), Vogler (2013), Candido (2006), and Nascimento (2006), seeking to highlight the new productive media and urban violence that are represented in the narrative, since Ferréz seeks to divulge or denounce the reality of the urban peripheries in his literary productions. Therefore, Ferréz’s story is relevant and stands out in Brazilian literature, as it promotes the social scope of the periphery by inserting it in the diverse and varied situations experienced by the characters and such situations lead us to reflect on how literature touches the relationship of man with world.

Keywords: Marginal Literature. Ferréz. Short story. The great assault. Brazilian literature.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, campus de Campo Grande-MS. Graduada em Letras - Bacharelado com ênfase em Literatura pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2018). E-mail: carlota714@hotmail.com.

² Professor do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul -UEMS, campus de Campo Grande-MS. Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, campus de Assis-SP (2004). E-mail: abotoso@uol.com.br.

1 INTRODUÇÃO

A literatura brasileira contemporânea tem revelado uma grande diversificação e um número cada vez mais elevado de publicações cujas temáticas voltam-se para questões como a violência, a solidão, a miséria, o automatismo dos seres humanos imersos nos grandes centros.

Uma das vertentes dessa ficção da atualidade é aquela que foi denominada como literatura marginal ou periférica e a associação desses adjetivos ao vocábulo literatura reveste-se dos seguintes matizes:

A literatura marginal/periférica tem como proposta ser destinada a espaços, autores, leitores e questões sociais consideradas marginais, como a periferia e a sua linguagem e cultura, a temas como violência, drogas, entre outros. Sendo assim, também sugere um posicionamento e diversos questionamentos.

A literatura marginal [...] é produzida pelas minorias e apresenta temas periféricos. O adjetivo marginal incorporado à literatura remete a sujeitos marginais e a espaços marginais (EBLE; LAMAR, 2015, p. 197).

Nesse sentido, as produções ficcionais consideradas como das margens/periféricas “são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; [...] que tematizam o que é peculiar aos homens e espaços tidos como marginais” (CARNEIRO, 2017, p. 254). Em tais espaços explode a opressão, a violência, o descaso e o abandono do cidadão comum pelos poderes públicos, que poderiam, em muitos casos, amenizar o abismo social que se instaura entre as elites e as classes menos favorecidas.

Um dos escritores que se voltam para a problemática exposta acima é Ferréz, conforme apontam os estudiosos Diego Tamagnone e Rejane Pivetta de Oliveira (2013, p. 31):

[...] a literatura marginal contemporaneamente produzida no Brasil, da qual Ferréz é um dos seus mais destacados representantes, vincula-se à afirmação da identidade cultural da periferia, constituindo-se ainda em instrumento de luta contra a exclusão e a desigualdade.

Desse modo, verifica-se que, no universo literário do escritor Ferréz, a representação de dados e eventos factuais em seus textos de ficção são convertidos em artifícios que visam expor a realidade, provocando a conscientização de seus leitores e uma possível mudança dos paradigmas petrificados na nossa sociedade, que se caracterizam pelas diferenças sociais existentes no mundo, tais como: exclusão, silenciamento, desigualdade e impotência dos membros desfavorecidos da sociedade brasileira.

Pautados por essas considerações, objetivamos realizar a análise do conto “O grande assalto”, de Ferréz, o qual se encontra inserido na coletânea “Ninguém é inocente em São Paulo” (2006),

ressaltando como a realidade das grandes cidades é caracterizada pela violência, pela falta de solidariedade e pela solidão que permeiam as relações sociais e permitem que se possa filiar o conto em epígrafe à literatura denominada *marginal*.

2 A LITERATURA MARGINAL

No Brasil, surgiu na década 70 uma corrente nomeada de poesia marginal ou geração mimeógrafo, como era conhecida, composta por autores que buscavam reproduzir e representar em seus escritos a fala cotidiana, e tal como ela ocorre, assim eles escrevem e problematizam sua própria história, falam pelas margens, preferem estar fora das editoras e, por isso, são considerados poetas marginais. Sendo assim, utilizavam vários meios de distribuições de seus textos, como: bares, cafés, livrarias, praças, universidades e outros lugares. Os poetas marginais lançavam suas palavras rodadas nos mimeógrafos (reprodução de textos na qual o álcool era a tinta para copiar), vendidos de mãos em mãos com preços acessíveis, e os livros com fabricações artesanais eram feitos sem passar pelas editoras ou estantes de livrarias, tornando-se uma forma marginal de expor as ideias.

O estudioso Renato de Souza (2010) em sua dissertação de mestrado intitulada “*O ‘caso Ferréz’*: um estudo sobre a nova literatura marginal”, destaca a importância da literatura denominada como “marginal” nos seguintes termos:

[...] o reconhecimento de um já cristalizado estilo literário: o da *literatura nas margens*, entendida aqui como um molde formal, reforçado por certo viés estilístico, associado à temática da violência e sua representação social e que, na prática, se constitui como um movimento coletivo de autores. Trata-se, ainda, de uma manifestação cultural em crescente desenvolvimento e propagação no quadro de nosso sistema literário (SOUZA, 2010, p. 8, grifo do autor).

As principais características desta literatura são: modificação das tendências estéticas (fora do cânone literário), uma arte popular, prosa histórica, social e urbana, poesia intimista, temas variados sobre o cotidiano e o regionalismo, engajamento de contexto histórico-sociocultural. Além disso, Souza (2010) pontua uma distinção conceitual, pois o uso artístico dessa expressão resgata um termo histórico da década de 1960/1970 pela chamada *geração mimeógrafo* dos poetas marginais, com a qual a literatura marginal de hoje não possui vínculos simbólicos de desdobramento ou continuidade artísticos. Bianca Vogler (2013, p. 84-85), em seu artigo intitulado “O manifesto da literatura marginal”, assinala a sua importância:

Por meio desse movimento de posicionamento, a partir do qual pode se erigir uma conquista gradual de espaço, foi que se possibilitou que obras de artistas postos à margem da sociedade fossem, pouco a pouco e cada vez mais, reconhecidas como arte com um valor artístico real.

E essa é uma conquista que vai muito além da forma como esses trabalhos eram vistos no início (e como ainda são vistos em muitos casos), como simples veiculadores de um senso de função social de desvendamento do mundo.

Além dos escritores nacionais, no Estado do Mato Grosso do Sul, o escritor Douglas Diegues, poeta brasileiro-paraguaio, segue a tradição da literatura marginal. Em 2003 ele publicou o livro intitulado: “Dá Gusto Andar Desnudo Por Estas Selvas” e, em 2005, “Uma Flor na Solapa da Miséria”, ambos foram veiculados em várias edições e a sua comercialização é diferenciada em relação aos autores que são publicados por grandes editoras. Vale ressaltar que suas obras ainda *são pouco divulgadas e pouco* conhecidas do grande público, porém se destacam no regionalismo sul-mato-grossense. A literatura de Diegues está marcada pela invenção do *portunhol selvagem*, mistura de português com espanhol, a qual chamamos de variação linguística, uma combinação da língua portuguesa com a língua de fronteira. O *portunhol*, vale enfatizar, não existe como língua oficial, mas é utilizado na fronteira e serviu para Diegues deixar sua marca.

Para o escritor Antonio Candido, em seu livro *Literatura e Sociedade*, existe uma conexão entre literatura e sociedade, uma vez que é fundamental o conhecimento estético para compreendermos o emaranhado da relação obra e ambiente. Candido reitera: “estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, após termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem” (CANDIDO, 2006, p. 13), já que o estético se estrutura a partir do social, ou seja, Candido salientava como os temas sociais penetravam na literatura a partir da estrutura literária e não do objeto. Sendo assim, no Brasil sobressaem as marcas de um país que vive com profundas contradições histórico-socioculturais, no qual uma grande parcela da população vive/sobrevive à margem da sociedade.

Complementando as colocações acima outra estudiosa, Érica Peçanha do Nascimento (2006), pesquisadora da produção cultural periférica no contexto paulistano e autora de diversos trabalhos sobre o tema, em sua dissertação intitulada “Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena”, conclui:

A associação do termo marginal à literatura produziu diferentes empregos e significados, dando origem a uma rubrica ampla e de entendimento quase sempre problemático. Isso porque a expressão *literatura marginal* serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como *marginais* (NASCIMENTO, 2006, p. 1, grifos nossos).

Independente da sociedade na qual o indivíduo rico ou pobre está inserido, o contexto histórico-sociocultural nobre ou periférico, há autores que dão um destaque à violência urbana *das margens*, representando o contexto de literatura marginal. Eles acabam recriando poeticamente essa realidade

em seus escritos. Para o crítico Antonio Candido, no passado era possível “mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e [...] se este aspecto constituía o que ela tinha de essencial” (CANDIDO, 2006, p. 13). Na contemporaneidade isso tem ressurgido com frequência e pode-se notar, muitas vezes, uma estreita relação entre a obra e o seu condicionamento social no contexto literário, conforme se verifica nos textos que são catalogados como literatura marginal.

Na sequência de nossas ponderações, tratamos do autor do conto que selecionamos como *corpus* de nosso estudo, fornecendo seus dados biográficos e assinalando algumas particularidades de sua produção literária.

3 FERRÉZ E A NECESSIDADE DE SER OU NÃO PERIFÉRICO

De acordo com Souza, Ferréz é “um dos mais respeitados autores da nova geração de escritores” (SOUZA, 2010, p. 8). Esse é o nome com o qual ele é conhecido nos meios literários. Seu nome de batismo é Reginaldo Ferreira da Silva e Ferréz é uma composição híbrida, uma homenagem a dois heróis marginalizados e históricos do Brasil: o “cangaceiro Virgulino Ferreira (‘Ferre’) da Silva e o quilombola Zumbi (‘z’) dos Palmares” (SOUZA, 2010, p. 9). Ele é considerado como um escritor de grande respeito e prestígio na literatura da chamada *nova geração*; é um dos mais relevantes representantes da literatura contemporânea brasileira e também da *nova literatura marginal*, pelo fato de suas histórias se desenrolarem na periferia das grandes cidades e tratarem de temas relacionados a este universo periférico denominado *literatura nas margens*.

Ferréz começou a escrever aos 12 anos de idade com uma produção bastante variada na qual constam contos, versos, poesias e letras de música. Ele é considerado romancista, contista e compositor ligado ao movimento hip-hop, reside em Capão Redondo, bairro periférico da cidade de São Paulo, lugar onde desenvolve ação política e cultural na comunidade e vive com sua esposa e filha. Teve os seguintes empregos: balconista, auxiliar-geral e arquivista antes de ser escritor e se dedicar exclusivamente à literatura: “seu primeiro livro intitulado “Fortaleza da Desilusão” foi lançado em 1997 (edição do autor). Mas foi com o livro *Capão Pecado* (2002), que se firmou como um dos melhores escritores da sua geração” (FERRÉZ, 2019).

Várias obras desse escritor encontram-se publicadas e destacamos as seguintes: a primeira obra “Fortaleza da desilusão” (1997), um livro de poesia concreta, de edição independente, que não obteve sucesso; depois ele lançou seu primeiro romance “Capão Pecado” (2000), em seguida, “Manual

prático do ódio” (2003), devido à sua atuação como rapper lança o álbum “Determinação” (2003). Em 2004 roteiriza um episódio do programa “Cidade dos Homens” para a Rede Globo de Televisão; no início do ano 2005 é reconhecido no continente europeu pelo jornal “La Vanguardia”, da cidade de Barcelona, e citado na publicação francesa “Courrier International”, rompendo os limites impostos pelo contexto sociocultural no qual está inserido. Participante da Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, lança o seu primeiro livro infantojuvenil, “Amanhecer Esmeralda” (2005); Nesse mesmo ano, Ferréz faz seu próprio relato sobre a periferia de São Paulo em um relatório para o Programa das Nações Unidas e Desenvolvimento – PNUD – órgão reconhecido globalmente e presente em 166 países.

Em 2006 lança o livro de contos, crônicas e ensaios, “Ninguém é inocente em São Paulo” (2006). Com esse livro foi indicado para a disputa do consagrado Prêmio Jabuti e, em 2007, foi finalista do concurso internacional do Prêmio Portugal Telecom. Em parceria com o desenhista Alexandro de Mayo publica a revista em quadrinhos “Os inimigos não mandam flores” (2006), histórias cujo enredo gira em torno dos problemas e vivências da periferia paulistana.

Assume o quadro intitulado “Interferência”, duração de 15 minutos, no programa semanal “Manos e Minas”, comandado pelo rapper Thaíde, na TV Cultura de São Paulo em 2008, com intuito de receber seus convidados para conversa informal num bar localizado na periferia paulistana. É contratado como roteirista da televisão norte-americana Fox, na série “9MM”, e escreveu roteiros para o filme “Brother” e o seriado “Cidade dos Homens” (2). Produziu, em 2009, o documentário “Literatura e Resistência”, que trata dos 11 anos de sua carreira. Publicou “Deus foi almoçar” (2011) e “O pote mágico” (2012), “Os ricos também morrem” (2015), dentre outras obras.

Segundo Souza (2010, p. 12), o objetivo de Ferréz é “divulgar ou denunciar a realidade das periferias urbanas, seja em páginas ficcionais ou não-ficcionais”. Para ele, a condição periférica precisa ser discutida, divulgada. E Souza conclui que Ferréz se expande “para além da periferia de São Paulo, em direção aos demais centros urbanos do país, como Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, indo para outros países, sobretudo os europeus: Alemanha, Portugal, Espanha, Itália, França” (SOUZA, 2010, p. 12).

O objetivo de Ferréz é lutar pelo reconhecimento do trabalho periférico, o qual possui identidade e merece ser valorizado. Nesse sentido, a mensagem a ser transmitida para a sociedade por meio das manifestações culturais é que a temática da periferia busca pelo seu espaço e é digna de chegar a outras localidades, outros países, como forma de música, poesia, literatura, e outros gêneros.

A respeito da literatura na qual se insere a produção de Ferréz, Vogler tece o seguinte comentário:

No Brasil, muito vem se trabalhando para que autores da Literatura Marginal ou Periférica conquistem seu lugar na Literatura Nacional. Alguns dos trabalhos de grande relevância nessa direção são as edições especiais sobre Literatura Marginal, lançadas pela revista *Caros*

Amigos e intituladas “Caros Amigos/Literatura Marginal: a cultura da periferia”, as quais tiveram sua publicação nos anos de 2001, 2002 e 2004, reunindo 48 autores. Partindo dessas edições, a união entre a revista *Caros Amigos* e o escritor paulista Ferréz, um dos nomes principais desse gênero literário, resultou, também, em um livro denominado *Literatura marginal: talentos da escrita periférica* (2005), em que foram reunidos textos de vários autores da Literatura Marginal (VOGLER, 2013, p. 85).

Ferréz foi colunista e colaborador por dez anos da revista “Caros Amigos”, voltada para temas de literatura marginal e, em 2005, organizou o livro intitulado: “Literatura marginal: talentos da escrita periférica”, que é uma recolha de textos de vários escritores catalogados como autores que se filiam à literatura marginal e, em seu texto “Terrorismo Literário”, notamos *uma literatura feita por minorias*, que possibilita identificar seu autor e o seu meio histórico-social. O próprio Ferréz afirma:

A Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo. Mas alguns dizem que sua principal característica é a linguagem, é o jeito como falamos, como contamos a história, bom, isso fica para os estudiosos, o que a gente faz é tentar explicar, mas a gente fica na tentativa, pois aqui não reina nem o começo da verdade absoluta. Hoje não somos uma literatura menor, nem nos deixemos tachar assim, somos uma literatura maior, feita por maiorias, numa linguagem maior, pois temos as raízes e as mantemos (FERRÉZ, 2005, p. 12-13).

A escrita de Ferréz se destaca por revelar a condição de vida da periferia na perspectiva daqueles que vivem dentro da própria comunidade marginalizada em meio à violência, roubo, armas e outros tipos de incidentes considerados como *marginais*, configurando uma estética e uma ética que desafiam os sistemas clássicos de representação da sociedade.

4 O GRANDE ASSALTO: A PERIFERIA E SEUS DILEMAS

O conto proposto para análise é quinta narrativa da obra “Ninguém é Inocente em São Paulo” (2006), livro composto por 19 contos curtos que retratam situações rotineiras na periferia de São Paulo. A pesquisadora Nádia Gotlib (2006) pondera que o conto se caracteriza pela concentração, colocando em evidência um único núcleo, devido a sua brevidade, e o número reduzido de páginas e, por isso, ele não pode ter núcleos dispersos. Dessa maneira, “em contos cujo núcleo é justamente esta percepção reveladora de uma dada realidade, a teoria torna-se fundamental para a sua leitura” (GOTLIB, 2006, p. 52). Nesse sentido, precisamos perceber e destacar as influências nas articulações do escritor, que consegue mostrar o social que pode ou não ser idealizado e o aspecto mais relevante do conto ferreziano que se centra no meio urbano, na violência, no ritmo da cidade e nas relações socioculturais e até mesmo econômicas.

Observamos que, em “O grande assalto”, seu autor tenciona representar a realidade, ou seja, quem melhor representa a periferia é o periférico, por isso o foco narrativo está no escritor-narrador, que retrata uma cena de maneira bastante objetiva e as ações sucedem-se por um viés bastante realista, o que permite ao leitor ter a sensação de estar participando do conto. Notamos que o narrador faz parte da história e constatamos que culturalmente é alguém pertencente à região retratada no conto, uma vez que ele se apresenta como alguém malicioso, que conhece as manhas da cidade grande, como indica o próprio nome do livro: “Ninguém é inocente em São Paulo”.

Durante a nossa leitura verificamos que a trama do conto gira em torno das relações humanas, já que é ressaltado o contexto histórico-sociocultural vivenciado pelas personagens. Há, sem dúvida, um vínculo com a literatura marginal voltado para os grandes centros e uma das características da literatura marginal contemporânea é o fato de ser produzida por autores da periferia, ou seja, carregando as suas visões e trazendo novos aspectos sobre a experiência de se viver na condição de marginalizados no contexto histórico-sociocultural, pois trata-se de uma narrativa realista, que recria a realidade percebida nos grandes centros urbanos.

Embora estejamos enfatizando a proximidade do enredo do conto com a realidade, é válido destacar o seu caráter ficcional, uma vez que

O contar (do latim computare) uma estória, em princípio, oralmente, evolui para o registrar as estórias, por escrito. Mas o contar não é simplesmente um relatar acontecimentos ou ações. Pois relatar implica que o acontecido seja trazido outra vez, isto é: re (outra vez) mais latum (trazido), que vem de fero (eu trago). Por vezes é trazido outra vez por alguém que ou foi testemunha ou teve notícia do acontecido. O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato, copia-se; um conto, inventa-se, afirma Raúl Castagnino. A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo. Há, naturalmente, graus de proximidade ou afastamento do real. Há textos que têm intenção de registrar com mais fidelidade a realidade nossa (GOTLIB, 2006, p. 12, grifos da autora).

O conto deve ser capaz de prender atenção do leitor do início ao fim, isso ocorre quando temos o entendimento do leitor na construção do significado do texto, a confluência do conto – a forma e o conteúdo – é constituída por elementos indissociáveis que formam um todo, isto é, pelo conteúdo e pela forma temática, que propiciam os sentidos e os significados que deverão ser desvendados pela recepção dos leitores. A literatura é resultante da manifestação de várias forças, culturais, sociais, estéticas, entre outras. Sendo assim, o conto, geralmente, apresenta uma sucessão de acontecimentos, pois sempre há algo para ser narrado e que contempla o interesse humano.

Em “O grande assalto”, um homem malvestido, descalço e sujo nota bolas promocionais em frente a uma concessionária fechada. Imagina que poderia vendê-las e com o dinheiro comprar algo para beber. Ele dá três passos e resolve agir, levanta as mãos e as agarra.

Os policiais que observam a ação do mendigo o perseguem e um dos policiais o alcança, bate com o revólver em sua cabeça e lhe dá vários chutes. Toda essa ação é observada por vários transeuntes, que desejam satisfazer somente a própria curiosidade.

O espaço e o tempo são mencionados logo na abertura do conto: “Avenida Santo Amaro. Às 13 h” (FERRÉZ, 2006). Em relação ao espaço, fica evidente que se trata de um local de grande circulação de pessoas e também um local citadino, no qual as pessoas passam umas pelas outras sem se deter ou tentar travar algum tipo de conversação ou estabelecer algum laço de solidariedade ou companheirismo.

O enredo vincula características importantes da literatura marginal, entre elas, é possível notar a realidade vivida em grandes centros urbanos como o medo, a violência, a insegurança, o assalto, o roubo, o crime, dentre outros acontecimentos. Assim, a realidade retratada no conto é aproximada do universo do leitor que consegue relacionar suas experiências com o que é narrado no texto, uma vez que a cena descrita na narrativa de Ferréz é corriqueira e banalizada pelos meios de comunicação.

No desenrolar do conto, o mendigo é equiparado a figura de bandido, que é descrito como um ser marginalizado pelo aspecto de suas roupas: “*Um homem malvestido para em frente a uma concessionária de automóveis fechada*” (FERRÉZ, 2006, p. 23). Na sequência, surgem as demais personagens: o policial que considera o sujeito como suspeito, o homem que anda de maneira rápida e segura a carteira, uma senhora, a qual aponta o sujeito parado na concessionária e ainda há o jovem playboy parado no trânsito com o carro repleto de drogas, para comercializar na faculdade onde estuda.

Há uma denúncia sobre a realidade do país em que vivemos, já que, *ironicamente*, o grande roubo – as duas bolas – é um crime ínfimo comparado ao do jovem que está com o carro cheio de drogas e não sofre nenhuma sanção, enquanto aquele que tem uma aparência paupérrima é perseguido e preso. Evidencia-se, portanto, um dos traços mais marcantes da nossa justiça – ela seria realmente *cega*, uma vez que penalizaria somente os menos favorecidos. Em nossa sociedade, devido à discriminação e à desigualdade socioeconômica, costumamos, muitas vezes, julgar as pessoas pela aparência e vestimenta, em outras palavras, podemos ter um criminoso bem vestido, o qual consegue safar-se de seus atos infracionais porque tem aspecto e roupas que lhe dariam a aparência de honesto, de cidadão modelo, de alguém que faz parte da sociedade e da classe mais abastada, a quem os policiais não ousariam incomodar, e o tratamento será diferenciado, no caso de uma pessoa mal vestida, ou seja, há um preconceito estrutural presente e fossilizado em nossa sociedade. Desse modo, é por meio da literatura que o autor expressa os sentimentos e as expressões observadas e valoradas socialmente no universo dos indivíduos e da sociedade, recriando-os no âmbito de seus textos ficcionais.

O narrador do conto em análise é onisciente. Ele sabe tudo o que se passa na mente das demais personagens e cada uma delas vê a cena e, de certa forma, elas fornecem um mosaico da situação, ou seja, fragmentos que juntos ajudam a compor a cena que é transmitida para o leitor literário. As personagens tornam-se focos a partir dos quais o leitor vai tendo visões parciais do acontecimento até que consegue formar uma imagem completa do ocorrido.

Como leitor somos capazes de identificar em vários fragmentos a crítica social embutida no relato. O senhor segura sua carteira com medo de ser roubado, a senhora comenta que há um mendigo suspeito na frente da concessionária de automóveis, o motorista revela a sua curiosidade sobre as ações do policial em relação ao homem malvestido. Todas as personagens desvelam o seu preconceito em relação ao mendigo e ninguém nota que o verdadeiro criminoso passa incólume entre eles e vai vender a droga, que traz em seu carro, na universidade onde estuda. Dessa forma, fica patente o preconceito e as injustiças sociais cometidas pelos policiais ou figuras de maior poder (patrões que humilham seus empregados, ricos que destratam pessoas de menor poder aquisitivo), que punem de forma desequilibrada alguns por pequenos delitos, enquanto fecham os olhos para coisas muito mais graves.

Ser alguém pobre, morador da periferia é vivenciar situações de exclusão no contexto histórico-sociocultural e Ferréz expõe em seus textos a existência clara e objetiva desse tipo de preconceito social e o conto capta e reflete brilhantemente essa realidade que assola o mundo contemporâneo, particularmente nas grandes cidades brasileiras.

O texto de Ferréz vincula-se à vertente que os críticos nomearam como literatura marginal, pois reproduz uma situação corriqueira para expor, denunciar e buscar uma conscientização por parte do público leitor para que possam estar atentos à realidade cotidiana e que possam discernir entre a aparência e a essência das situações conflituosas que permeiam o universo das grandes cidades.

A recepção do público é importante para que obras não canônicas possam ser lidas, comentadas, discutidas. Na contemporaneidade observamos o crescimento desse mercado com a ascensão de rappers, do hip-hop, do funk (Emecida, Anitta e Nego do Borel), da literatura marginal. Recentemente houve uma polêmica com a obra da escritora Carolina Maria de Jesus, que era moradora de favela da capital paulista e escreveu o livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, publicado em 1960, e que traz para o centro de sua obra um contexto de exclusão, de pobreza, e de questões relativas à raça negra e aos preconceitos e dificuldades vivenciados por aqueles que fazem parte dessa etnia. O referido livro foi indicado como leitura obrigatória no vestibular da UNICAMP e foi criticada a escolha dessa obra para estar nas referências do maior vestibular do Brasil. Dessa maneira, fica clara a marca do preconceito existente na nossa sociedade.

O conto de Ferréz dialoga com a obra de Carolina Maria de Jesus, uma vez que ambos tratam de representar o universo de pessoas marginalizadas, que não têm os mesmos direitos e vantagens daqueles que conseguem trajar-se e comportar-se de acordo com as normas pré-estabelecidas da sociedade.

É importante ressaltar que as produções de Ferréz preocupam-se em representar, retratar e recriar histórias dos menos favorecidos, que acabam como vítimas de um sistema injusto que ainda julga pela aparência e comete injustiças, penaliza aqueles que são mais fracos, que não podem e não conseguem se defender. Nesse sentido, é de suma importância o aspecto sociocultural que é evidenciado em “O grande assalto”, porque, em conformidade com Candido,

Considerada em si, a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação. Mas quase sempre, tanto os artistas quanto o público estabelecem certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra. O artista quer atingir determinado fim; o auditor ou leitor deseja que ele lhe mostre determinado aspecto da realidade. Todo este lado voluntário da criação e da recepção da obra concorre para uma função específica, menos importante que as outras duas e frequentemente englobada nelas, e que se poderia chamar de função ideológica, — tomado o termo no sentido amplo de um desígnio consciente, que pode ser formulado como idéia, mas que muitas vezes é uma ilusão do autor, desmentida pela estrutura objetiva do que escreveu (CANDIDO, 2006, p. 55).

O público, de certa forma, espera que o social transpareça na obra. As produções ferrezianas têm sido reconhecidas e aceitas pelo público em geral, fato que se confirma pela atuação do mercado editorial e da crítica, que tem se voltado para a análise dessas produções:

De alguma maneira, podemos notar que o mercado editorial (de tendência global) tem vislumbrado um segmento do público-consumidor interessado nas representações estilístico-literárias que tratam especificamente da realidade social das periferias: a literatura ferreziana é um notável exemplo; vê-se na temática da violência urbana um objeto de evidência na contemporaneidade. A representação ficcional das periferias nas obras ferrezianas, de alguma maneira, desperta a atenção da crítica comprometida com dada luta em favor da diminuição da desigualdade social do país (SOUZA, 2010, p.15).

Conforme comentamos, Ferréz é um dos mais respeitados autores da nova geração de escritores, seus livros são consumidos e alguns estão esgotados. Percebemos que há um público que consome seus escritos, seja curiosidade em conhecer periferia, seja pelos personagens que atuam nos textos. Os temas relacionados a violência urbana, o preconceito social, linguístico, econômico, e outros, como o histórico, social e cultural estabelecidos na sociedade acabam sendo colocados no cerne das suas narrativas, possibilitando um olhar mais crítico e atento para a realidade contemporânea.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação dos fatores histórico e socioculturais variam conforme a visão sociológica, isto é, o cânone literário acaba estabelecendo certas diferenciações, ao valorizar determinadas obras e autores. Apesar disso, os textos de Ferréz, que são classificados como pertencentes à Literatura Marginal, conseguiram transpor as barreiras estabelecidas pelo cânone e atingir um grande público.

Ferréz tem sua escrita pautada por um mundo periférico, ou seja, sua diferenciação está na representação contrária da literatura existente do cânone literário baseadas em regras e normas para serem seguidas. Ele representa no universo ficcional o que acontece nas margens, e é vivenciado pela minoria, pelos excluídos. Dessa forma, o escritor busca uma integração e uma conscientização por parte de seus leitores, e isso acontece pelo fato de Ferréz levar para o Mundo e aos grandes centros o contexto histórico e sociocultural das zonas periféricas de São Paulo, além de seus projetos sociais em Capão Redondo, onde reside. O escritor, a esse respeito, faz a seguinte observação: “Afinal, um dia o povo ia ter que se valorizar, então é nós nas linhas da cultura, chegando, sem querer agredir ninguém, mas também não aceitando desaforo nem compactuando com hipocrisia alheia. Bom, vamos deixar de ladainha e na bola de maia tocar o barco” (FERRÉZ, 2005, p. 13).

Na ação descrita no conto, evidencia-se a presença do medo, do preconceito e da violência, pois temos o homem mal vestido, considerado mendigo, excluído socialmente, o homem que apressa o passo e segura a carteira quando apenas viu alguém maltrapilho, assim acontece com os policiais que estão no âmbito do poder, que o julgam como marginal e o jovem delinquente transita entres eles livremente.

Percebemos a diferenciação das pessoas da cidade que se sentem ameaçadas por aqueles que não seguem os padrões e normas estabelecidos. O homem malvestido é alguém que vive em um lugar periférico, provavelmente uma favela. A pobreza, a miséria, a fome despertam o medo, acarretam o temor daqueles que tem algum poder aquisitivo, acentuam a separação entre aqueles que possuem bens materiais e aqueles que são miseráveis e são convertidos em ameaças, mesmo quando não têm intenção. São vítimas que dificilmente conseguirão se integrar e almejar uma situação mais favorável dentro da sociedade da qual deveriam fazer parte, mas que fatalmente e eternamente estarão excluídos. A ficção é capaz de representar esse universo e expor esse universo injusto e desigual de maneira a questionar e problematizar a realidade dos grandes centros urbanos.

Assim, verifica-se a verossimilhança de textos ficcionais como os de Ferréz, nos quais os excluídos passam despercebidos e só são notados em situações precárias, sem defesa, com o envolvimento e a violência policial. Desse modo, a ficção torna-se um instrumento valioso para

desconstruir preconceitos pré-estabelecidos pela sociedade, favorece a conscientização e a problematização de questões que abrangem o cotidiano como a violência, a injustiça, a desigualdade social e a literatura marginal cumpre esse papel e retrata os aspectos sombrios da realidade, expõe os preconceitos e as mazelas sociais, fundindo o real e o fictício para legitimar e possibilitar discussões e mudanças na trajetória daqueles que são eternamente marcados por dramas, sofrimentos e desilusões.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARNEIRO, Vinicius Gonçalves. Reflexões quanto à literatura marginal brasileira: comparando Ferréz a sua tradição literária. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 50, p. 254-276, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n50/2316-4018-elbc-50-00254.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2019.

EBLE, Taís Aline; LAMAR, Adolfo Ramos. A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. **Especiaria** – Caderno de Ciências Humanas, v. 16, n. 27, jul./dez. 2015, p. 193-212. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/1126>. Acesso em: 24 nov. 2019.

FERRÉZ, Reginaldo Ferreira. Terrorismo literário. In: FERRÉZ (org.). **Literatura marginal: talentos da escrita marginal**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____. O grande assalto. In: FERRÉZ. **Ninguém é inocente em São Paulo**. São Paulo: Selo Povo, 2006.

_____. Autor. **Canal do Ferréz**, 19 nov. 2019. Disponível em: <http://ferrez.blogspot.com.br/p/autor.html>. Acesso em: 19 nov. 2019.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. 11. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena**. 2006. 203 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

SOUZA, Renato de. **O ‘caso Ferréz’**: um estudo sobre a nova literatura marginal. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/94076>. Acesso em: 21 nov. 2019.

TAMAGNONE, Diego; OLIVEIRA, Rejane Pivetta. A igualdade da lei e a diferença da literatura: a narrativa marginal de Ferréz. **Revista Língua & Literatura**, v. 15, n. 24, ago. 2013, p. 31-47. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/826>. Acesso em: 24 nov. 2019.

VOGLER, Bianca do Rocio. O Manifesto da Literatura Marginal: O texto 'Terrorismo literário', de Ferréz, e o poder de desvendamento do mundo e do movimento artístico da Literatura Periférica.

Uniletras, Ponta Grossa, v. 35, n. 1, p. 83-93, jan/jun. 2013. Disponível em:
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras>. Acesso em: 21 nov. 2019.

Submetido em: 04/12/2019. Aprovado em: 02/04/2020.